

# A NECRÓPOLE E ERMIDA DA ACHADA DE S. SEBASTIÃO DE MÉRTOLA

VIRGILIO LOPES

JOAQUIM BOIÇA

## 0. SUMÁRIO

A estação arqueológica da Achada de S. Sebastião situa-se numa plataforma sobranceira à margem direita do rio Guadiana, no arrabalde da vila de Mértola, numa área de recente crescimento urbano. A sua identificação deve-se ao arqueólogo Estácio da Veiga que visitou o local logo após a gigantesca cheia do Guadiana de 7 de Dezembro de 1876. A acção intempestiva das águas pusera parcialmente a descoberto algumas sepulturas de uma necrópole e arrasara uma pequena ermida dedicada a S. Sebastião, de fundação Quatrocentista, procedendo o citado arqueólogo ao reconhecimento do sítio, à feitura de uma planta e à recolha de alguns materiais <sup>1</sup>. Em comentário que acompanha a planta, informa que estavam simplesmente perceptíveis dezassepente sepulturas mas nenhuma em estado de se poder examinar. Apesar de não ter realizado trabalhos de natureza arqueológica, atribui a necrópole ao período romano, não excluindo a hipótese de ter uma origem mais antiga, embora posteriormente aproveitada <sup>2</sup>.

O projecto de ampliação da Escola C+S de Mértola, localizada junto à necrópole e a construção de um pavilhão gimnodesportivo, a par daquela, motivaram a intervenção arqueológica da equipa do C.A.M., levada a efeito entre Outubro de 1991 e Janeiro de 1992 <sup>3</sup>. Apesar do carácter de emergência que assumiu foram identificadas e estudadas 183 sepulturas que, na sua maioria, viriam a ser sacrificadas pelas obras de execução do projecto referido. Foi possível, no entanto, conservar-se um conjunto representativo de sepulturas, assim como as ruínas da ermida de S. Sebastião, situada junto destas.

Paralelamente aos trabalhos arqueológicos, ainda em curso na área que foi preservada, procedeu-se a uma investigação histórico-documental sobre a ermida, reunindo-

-se, assim, um leque diversificado de informações que irão possibilitar a recuperação do imóvel, a concretizar no ano de 1994. A sua utilização como espaço museológico é o objectivo último a atingir, passando a constituir, a par das sepulturas que se encontram nas suas imediações, um pequeno núcleo temático do Museu de Mértola.

## 1. A NECRÓPOLE

### 1.1. Localização

A necrópole estende-se numa ampla área de terrenos xistosos junto à margem direita do rio, encontrando-se delimitada a noroeste por uma cadeia de cerros ligeiramente elevados (ver fig. 1). Nas suas proximidades, para norte, pelo que diversos vestígios deixam perceber, situava-se uma pequena *villa*, não tendo conhecido o local, no entanto, qualquer intervenção arqueológica. Uma variante da estrada que ligava a então *Mirtilis* a *Pax Julia* ladeava a necrópole e a *villa* serpenteando a margem do Guadiana até ao bar-

ranco de S. Brás, inflectindo, neste ponto, para o interior na direcção das povoações de Corte Gafó de Baixo, Monte Mosteiro e a Amendoeira da Serra seguindo depois para Beja. Entre a Achada de S. Sebastião e a de S. Brás foram já identificadas outras *villae* e necrópoles de época romana, que parecem obedecer a uma mesma lógica de implantação: aproveitamento de solos aráveis junto à margem do rio, dele se retirando a água indispensável aos trabalhos de rega. Em épocas de cheia, por acção das águas, eram depositadas finas camadas de terra que recompunham e simultaneamente fertilizavam os solos. Nos tempos medievos e mesmo modernos, a Achada de S. Sebastião foi uma das mais importantes hortas de abastecimento à vila de Mértola. Esta contínua utilização, assim como a acção destrutiva das águas torrenciais explicam o generalizado mau estado de conservação das sepulturas da necrópole.

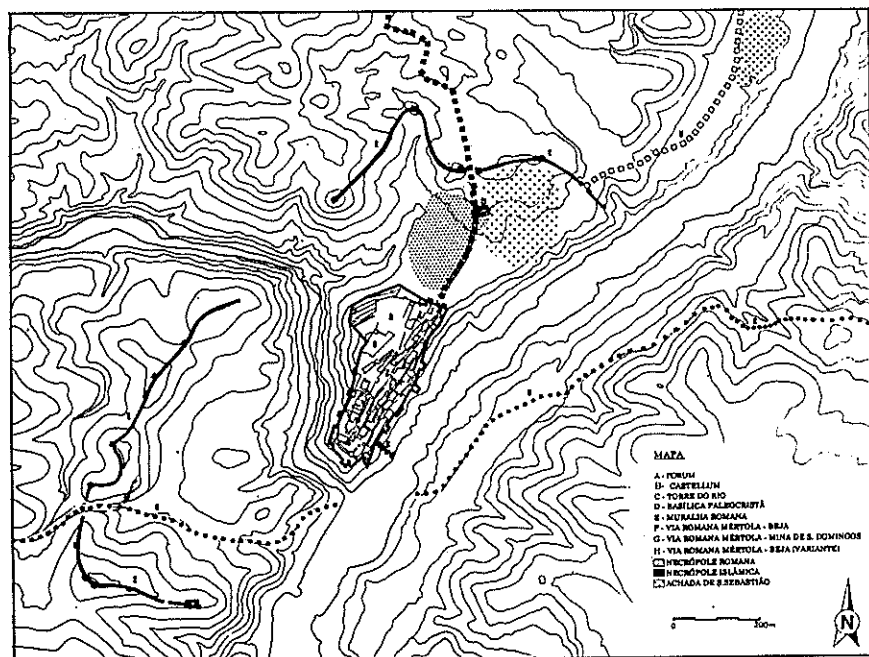


Fig. 1 - Mapa de localização da Achada de S. Sebastião

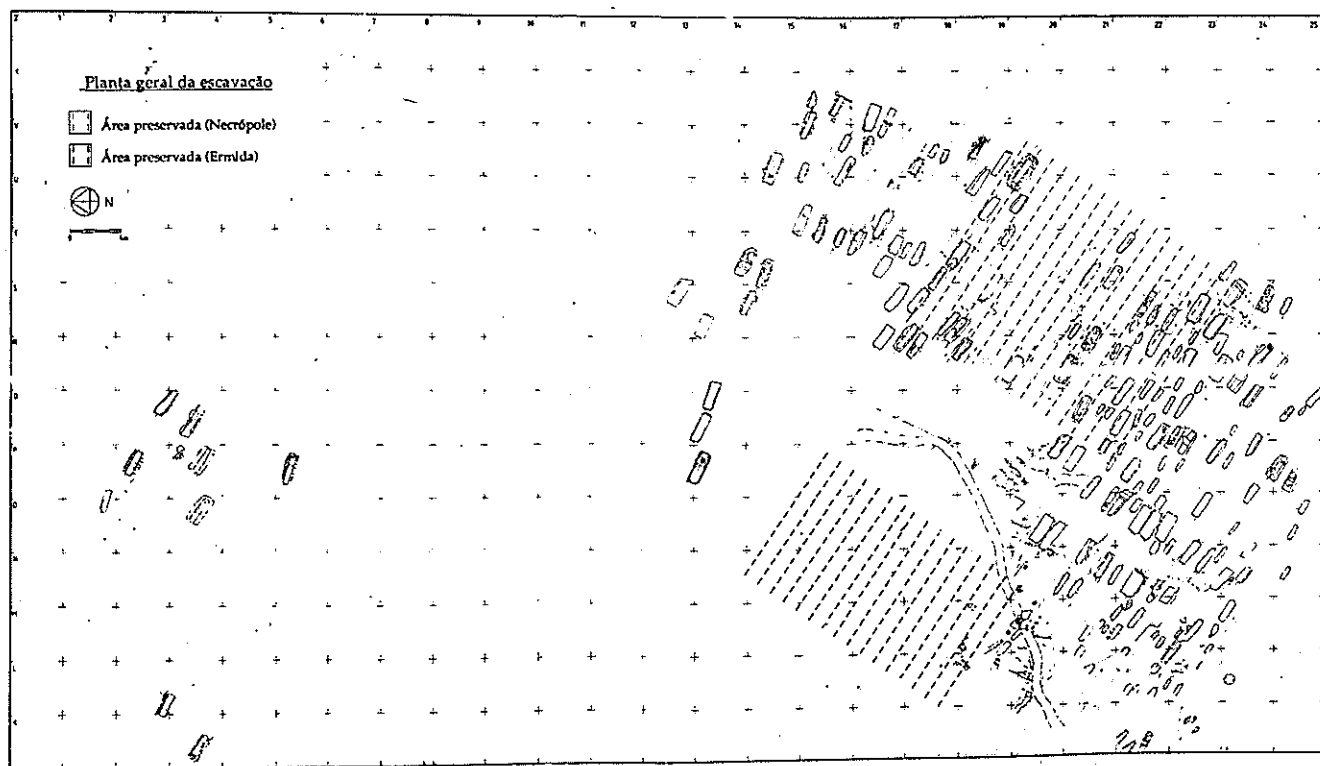


Fig. 2 - Planta geral da escavação

## 2. A ESCAVAÇÃO

### 2.1. Metodologia

Os objectivos que presidiram à intervenção arqueológica, atendendo à situação de emergência referida, eram os de definir a área da necrópole, identificar e estudar o conjunto de sepulturas e espólio associado e, finalmente, delimitar a zona a conservar.

Na área da necrópole sujeita a escavação (cerca de 800 metros quadrados) procedeu-se à sua divisão em quadrículas, com quatro metros de lado, de eixos orientados nos sentidos norte-sul e oeste-este (ver fig. 2). A natureza do terreno, com finas camadas de terra (a espessura variava entre os cinco e vinte centímetros) permitiu, apenas pontualmente, uma leitura estratigráfica do sítio, sem resultados significativos. Na cota mais alta da necrópole, a sul, alinham-se várias sepulturas escavadas no afloramento xistoso, sem cobertura, tendo as mesmas merecido apenas trabalhos de limpeza de superfície e da caixa sepulcral (ver fig. 2). Quanto às ruínas da ermida de S. Sebastião, os trabalhos arqueológicos estão ainda em curso, apontando os mesmos para a definição das suas estruturas espaciais e identificação de fases construtivas (ver fig. 3).

### 2.2. As sepulturas

As sepulturas da necrópole de S. Sebastião já identificadas e objecto de intervenção arqueológica estão na sua quase totalidade abertas no afloramento xistoso. Contudo, nas zonas onde o terreno desenha ligeiras depressões e a rocha de base se apresenta menos consistente, a caixa sepulcral foi construída utilizando paredes de tijolo e/ou de alvenaria. Nestes últimos casos, a planta respectiva apresenta contornos ligeiramente trapezoidais em contraste com o traçado retangular das que se encontram implantadas na zona mais elevada da plataforma xistosa (ver fig. 5).

A cobertura das sepulturas, nos casos em que a mesma ficou conservada, parcial ou integralmente, era feita com lages de xisto, colocadas transversalmente em relação ao comprimento da caixa (ver fig. 6). Uma das sepulturas, no entanto, encontrava-se coberta por tegulae (ver fig. 7), dispostas transversalmente (estavam fragmentadas e abatidas no interior), solução por certo aplicada em mais casos mas de que não restaram vestígios comprovativos.

Registe-se, por outro lado, que nenhum dado arqueológico até ao momento recolhido permite confirmar a hipótese de no local ter existido uma necrópole de incineração, como à partida o denunciava o achado de uma urna cinerária, referido por Estácio da Veiga, em 1880<sup>4</sup>.

Para uma caracterização formal do conjunto de sepulturas da necrópole definiram-se quatro grupos:

#### **Grupo A**

O primeiro grupo engloba as sepulturas abertas no afloramento xistoso e é, sem dúvida, o mais representativo (157 num total de 183). Subdivide-se, no entanto, em dois



Fig. 3 – Vista geral da Achada de S. Sebastião antes das obras

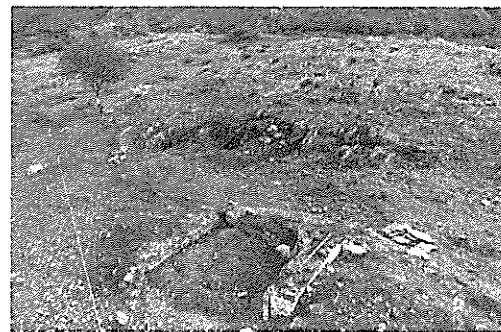


Fig. 4 – Vista parcial da ermida e da necrópole



Fig. 5 – Vista parcial da necrópole sacrificada pelas construções



Fig. 6 – Sep. nº 106 cobertura de lages de xisto

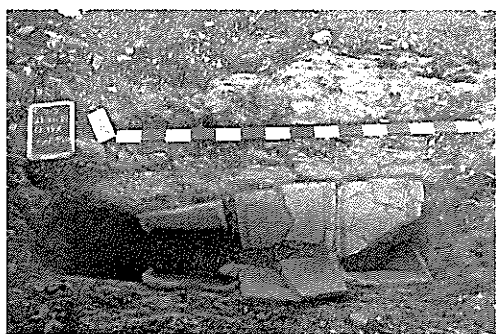


Fig. 7 – Sep. nº 150 com cobertura em tegulae



Fig. 8 – Sep. nº 100 escavada na rocha com rebordos laterais

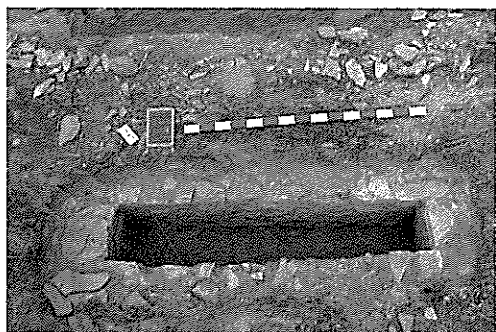


Fig. 9 – Sep. nº 152 com paredes em alvenaria

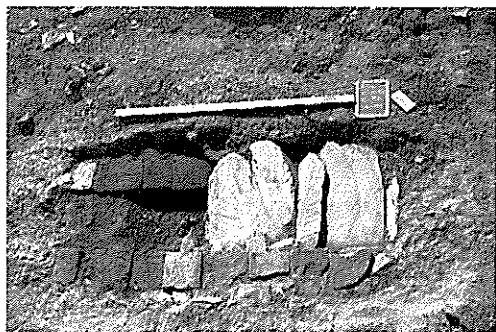


Fig. 10 – Sep. nº 149 com paredes em tijolo

subgrupos: num primeiro (A1) integram-se as sepulturas que se apresentam sem rebordos laterais, isto é, em que a cobertura, em lages de xisto, assenta directamente no solo; num segundo (A2), reúnem-se as que possuem rebordos laterais interiores (ver

### QUADRO RESUMO

Nº Sep.	Tipo	Estado de conservação	Cobertura	Sepultura	Espólio associado	Orientação (cabeça para)
1	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
2	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
3	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
4	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
5	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
6	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
7	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
8	A2	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
9	A2	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
10	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
11	A2	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
12	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
13	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	Frag. mármore	NO
14	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
15	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
16	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
17	A2	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
18	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
19	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
20	D	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
21	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
22	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
23	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
24	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
25	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
26	A2	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
27	A2	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
28	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
29	B1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
30	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
31	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	Pregos Fe.	NO
32	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
33	A2	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
34	A1	Parc./Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
35	A2	Violada	Parc./coberta	Adulto	S/espólio	NO
36	A1	Parc./Violada	S/cobertura	Adulto-frag. crânio	S/espólio	NO
37	B1	Violada	Parc./coberta	Adulto-frag. memb. inf.	S/espólio	NO
38	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
39	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
40	B1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
41	A2	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
42	A2	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
43	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
44	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO

Nº Sep.	Tipo	Estado de conservação	Cobertura	Sepultura	Espólio associado	Orientação (cabeça para)
45	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
46	D	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
47	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
48	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
49	A2	Parc. Violada	S/cobertura	Adulto-frag.ósseos indet.	Frag. cerâmica	NO
50	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	Frag. cerâmica	NO
51	A2	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
52	A2	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
53	A2	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
54	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
55	C	Intacta	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
56	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
57	A2	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
58	A2	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
59	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
60	A2	Intacta	C/cobertura	Adulto-frag.ósseos indet.	S/espólio	NO
61	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
62	A2	Parc. Violada	Parc./coberta	Adulto	Frag. cerâmica	NO
63	A2	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
64	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
65	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
66	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
67	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
68	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
69	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
70	A1	Violada	S/cobertura	Adulto-frag.ocrân.meb.inf.	Prego Fe.	NO
71	B1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
72	A2	Parc. Violada	C/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
73	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
74	A2	Parc. Violada	C/cobertura	Criança	S/espólio	NO
75	A1	Parc. Violada	S/cobertura	Adulto-frag.mbs.sup.inf.	S/espólio	NO
76	A2	Parc. Violada	S/cobertura	Adulto-frag. crânio	S/espólio	NO
77	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
78	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
79	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
80	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
81	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
82	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
83	A2	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
84	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
85	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
86	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
87	A2	Parc. Violada	S/cobertura	Adulto-frag. memb. inf.	S/espólio	NO
88	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
89	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
90	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
91	A2	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
92	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
93	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
94	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
95	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO

fig. 8), exemplares tecnicamente mais evoluídos em que a cobertura fica mais baixa que a cota do solo da necrópole os rebordos variam entre os 15 e os 40 centímetros de altura;

### Grupo B

O segundo grupo abrange as sepulturas escavadas na rocha mas que, no seu interior, têm estruturas de alvenaria de pedra vã, ou com argamassa (15 exemplares). As paredes ficam a uma cota inferior do nível do solo, por forma a permitirem o assentamento das lages de cobertura (ver fig. 9);

### Grupo C

O terceiro grupo enquadra as sepulturas cujas paredes interiores foram construídas em tijolo (4 exemplares), material certamente reaproveitado da *villa* situada nas imediações da necrópole (ver fig.10);

### Grupo D

O quarto grupo integra as sepulturas que apresentam paredes constituídas por aparelho misto, tijolo e alvenaria de pedra solta (7 exemplares).

## 2.3. Espólio osteológico

Das 183 sepulturas apenas 30 continham espólio ósseo, na sua quase totalidade muito fragmentado e em mau estado de conservação. Responsáveis primeiros por este facto serão,



Fig. 11 – Sep. nº 144. Restos do esqueleto

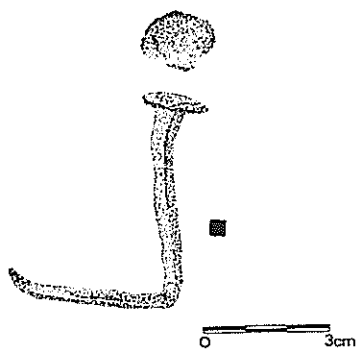


Fig. 12 – Prego de bronze (Sep. nº 166)

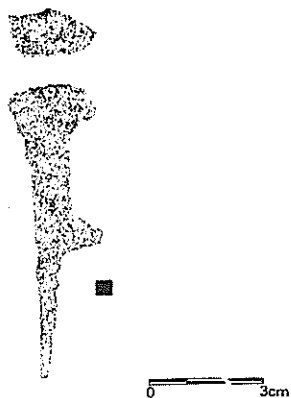


Fig. 13 – Prego em ferro com restos de madeira (Sep. nº 146)

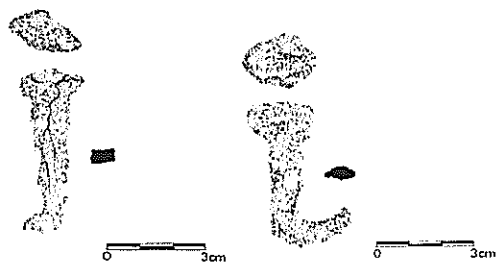


Fig. 14 – Pregos em ferro (Sep. nº 144)

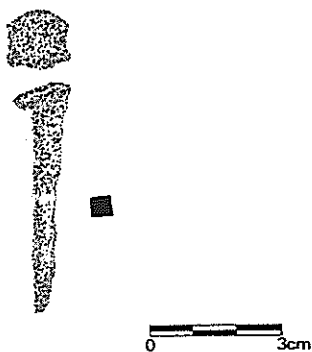


Fig. 15 – Prego em ferro (Sep. nº 31)

Nº Sep.	Tipo	Estado de conservação	Cobertura	Sepultura	Espólio associado	Orientação (cabeça para)
96	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
97	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
98	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
99	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
100	A2	Intacta	S/cobertura	Adulto-frags.ósseos indet.	S/espólio	NO
101	A2	Intacta	C/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
102	A1	Violada	C/cobertura	Criança	S/espólio	NO
103	A2	Parc. Violada	S/cobertura	Adulto-frags. memb. inf.	S/espólio	NO
104	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
105	A1	Parc. Violada	S/cobertura	Adulto	Frag.márm.cerâm.	NO
106	A2	Intacta	C/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
107	A2	Parc. Violada	Parc./coberta	Adulto-frags. memb. inf.	S/espólio	NO
108	A2	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
109	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
110	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
111	A2	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
112	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
113	A2	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
114	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
115	A2	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
116	D	Parc. Destruída	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
117	A1	Parc. Destruída	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
118	A1	Parc. Destruída	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
119	A1	Parc. Destruída	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
120	A1	Parc. Destruída	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
121	A1	Parc. Destruída	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
122	A1	Parc. Destruída	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
123	A1	Parc. Destruída	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
124	A1	Parc. Destruída	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
125	A1	Parc. Destruída	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
126	A1	Parc. Destruída	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
127	A1	Parc. Destruída	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
128	A1	Parc. Destruída	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
129	A1	Parc. Destruída	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
130	A1	Parc. Destruída	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
131	A1	Parc. Destruída	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
132	A1	Parc. Destruída	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
133	A1	Parc. Violada	S/cobertura	Adulto-frags.ósseos indet.	Frag. cerâmica	NO
134	A1	Parc. Destruída	S/cobertura	Criança	Frag. mármore	NO
135	A1	Parc. Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
136	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
137	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
138	A2	Parc. Violada	S/cobertura	Adulto-frags. memb. sup.	S/espólio	NO
139	A1	Parc. Violada	S/cobertura	Adulto Dentes	S/espólio	NO
140	B1	Parc. Violada	S/cobertura	Adulto-frags. memb. inf.	S/espólio	NO
141	A1	Parc. Violada	S/cobertura	Adulto-frags.ósseos indet.	Pote cerâmico	NO
142	B2	Parc. Violada	S/cobertura	Adulto-frags.ósseos indet.	S/espólio	NO
143	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
144	B1	Parc. Violada	Parc./coberta	Adulto-frags.ósseos indet.	Pregos ferro bronze	NO
145	B1	Parc. Violada	S/cobertura	Adulto-frags. memb. inf.	S/espólio	NO
146	B1	Parc. Violada	S/cobertura	Criança	Pregos ferro	NO

Nº Sep.	Tipo	Estado de conservação	Cobertura	Sepultura	Espólio associado	Orientação (cabeça para)
147	B2	Parc. Violada	S/cobertura	Adulto	Frag. cerâmica	NO
148	B1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
149	C	Intacta	C/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
150	A1	Parc. Violada	Parc./coberta	Adulto-frags.memb. inf.	Prego ferro	NO
151	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
152	B2	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
153	A2	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
154	D	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
155	D	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
156	A2	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
157	A2	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
158	A1	Parc. Violada	S/cobertura	Adulto-frags. memb. inf.	S/espólio	NO
159	A2	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
160	A1	Violada	S/cobertura	Adulto-frags. crâneo	S/espólio	NO
161	A1	Parc. Violada	S/cobertura	Adulto-frags.fémures	S/espólio	NO
162	A2	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
163	A2	Parc. Violada	S/cobertura	Adulto-frags. tíbias	S/espólio	NO
164	A2	Violada	C/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
165	A2	Intacta	S/cobertura	Adulto-frags.memb.inf.	S/espólio	NO
166	A2	Intacta	S/cobertura	Adulto	Pregos ferro bronze	NO
167	A2	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
168	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
169	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
170	A1	Violada	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
171	A1	Violada	S/cobertura	Criança	S/espólio	NO
172	A1	Intacta	S/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
173	A2	Intacta	C/cobertura	Adulto-frags. memb. inf.	S/espólio	NO
174	B1	Intacta	C/cobertura	Adulto-frags. memb. inf.	Pregos ferro	NO
175	A2	Violada	C/cobertura	Adulto-frags. memb. inf.	Frag. cerâmica	NO
176	A1	Violada	C/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
177	C	Intacta	Parc./coberta	Adulto-frags. memb. inf.	S/espólio	NO
178	B2	Intacta	C/cobertura	Adulto	S/espólio	NO
179	A2	Intacta	C/cobertura	Adulto-frags. ósseos indet.	S/espólio	NO
180	B1	Intacta	C/cobertura	Adulto-crâneo memb. sup.	S/espólio	NO
181	D	Intacta	C/cobertura	Adulto-frags. ósseos indet.	S/espólio	NO
182	D	Intacta	C/cobertura	Adulto-frags. crâneo	S/espólio	NO
183	C	Intacta	C/cobertura	Adulto	S/espólio	NO

pronação. Pela análise efectuada à dentição foi possível determinar que o esqueleto pertencia a um adulto de cerca de 25-30 anos de idade, de sexo indefinido. Os restantes casos possibilitaram, tão só, definir a orientação das inumações, de resto já denunciada pelo traçado trapezoidal de muitas das caixas sepulcrais (ver Fig. 11).

#### 2.4. Espólio associado

##### A - Metais

Num pequeno conjunto de sepulturas (nºs 31, 70; 144; 146; 150; 166 e 174) foram exumados alguns pregos e cavilhas que apresentavam múltiplas concreções na superfície. Tanto os exemplares em ferro (66) como em bronze <sup>4</sup> são de cabeça plana, de forma circular ou oval, com haste de secção quadrangular, mais grossa junto à cabeça (alguns apresentam a ponta curvada devido à utilização do martelo).

A existência destes materiais revela a utilização de caixões de madeira em alguns enterramentos (ver figs. 12 a 15), facto bem documentado pela disposição que apresentavam nas sepulturas 144, 166 e 174. Nesta última foram encontrados 22 pregos em ferro dispostos em duas camadas paralelas e separadas por uma fina camada de terra. Na segunda camada alguns pregos estavam ainda na posição vertical, por vezes tendo a si agregados restos de madeira. Para este tipo de materiais são comumente apontados parâmetros cronológicos vastos, isto é, do século I ao IV <sup>5</sup>.

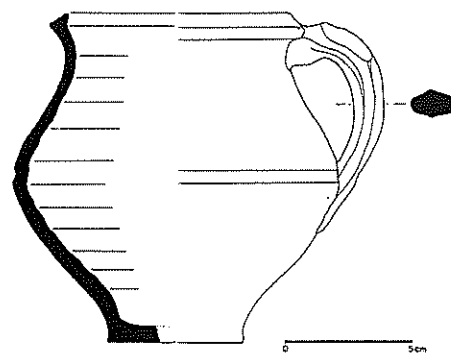


Fig. 16a

certamente, as cíclicas cheias do rio e a impermeabilidade da rocha de base que levaram à degradação ou completa destruição dos corpos e artefactos depositados. Registe-se, por outro lado, que nas sepulturas de criança (54 no total) não foi encontrado qualquer tipo de espólio ósseo, facto a que não será alheia, para lá dos condicionaismos acima referidos, a diminuta profundidade dos enterramentos.

A escassez e a precaridade do espólio osteológico não permitiram que se obtivessem dados significativos de natureza antropológica. Na sepultura nº. 144, apesar do esqueleto estar muito fragmentado, constatou-se que a posição de enterramento era em decúbito dorsal, com os membros superiores ao longo do corpo e as mãos em



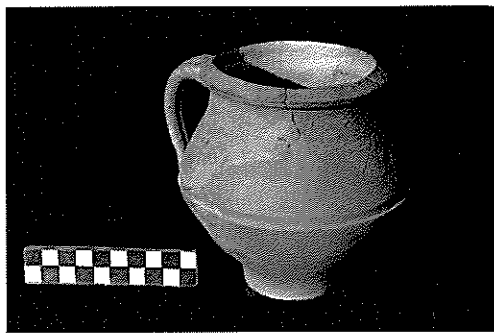


Fig. 16 – Pote restaurado. Desenho e fotografia (Sep. nº 141)

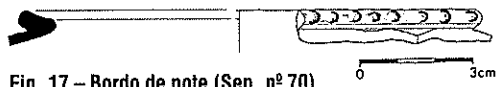


Fig. 17 – Bordo de pote (Sep. nº 70)

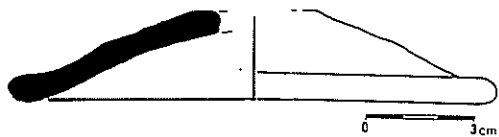


Fig. 18 – Fragmento de testo (Sep. nº 49)

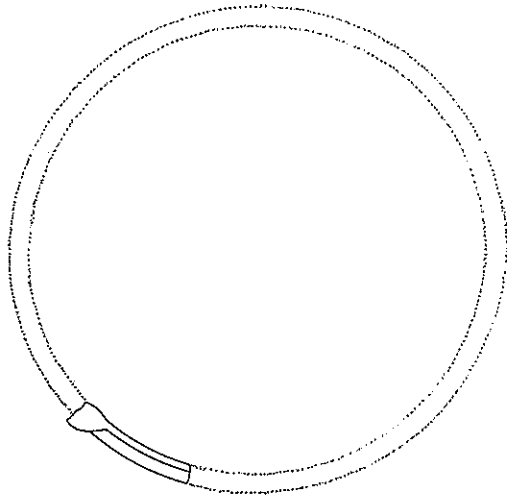


Fig. 19 – Fragmento de terrina (Sep. nº 57)



Fig. 20 – Fragmento de almoriz (Sep. nº 111)

## B – Cerâmicas

Os materiais cerâmicos exumados na escavação são em reduzido número e pertencem, fundamentalmente, a artefactos de cerâmica comum. Correspondem às seguintes formas:

- pote, incompleto, (foi objecto de consolidação e restauro) (sep. nº. 141). Apresenta um bordo boleado, pança ovóide com uma canelura horizontal e asa em fita. O fundo plano. A pasta é de coloração vermelha. Este recipiente tem paralelos em Conímbriga, datados do século V<sup>6</sup> (ver fig. 16a/16);
- fragmento de pote (sep. nº. 70), correspondente a um bordo em aba envasada, com uma decoração composta por uma sequência de dedadas na parte exterior. Esta forma enquadra-se cronologicamente nos séculos IV-V<sup>7</sup> (ver fig.17);
- fragmento de testo cónico (sep. nº 49), baixo, apresentando marcas da roda na superfície exterior. É datável do séc. I-II<sup>8</sup> (ver fig. 18);
- fragmento de bordo pertencente a uma terrina (sep. nº 57), de pasta negra, no qual se descortina um vertedoiro incompleto. Esta forma integra-se no conjunto de cerâmicas de fabrico tardo ou pós-romano<sup>9</sup> (ver fig. 19);
- fragmento de um almofariz (sep. nº 158), com bordo em aba, no qual se conserva o vertedoiro. Este fragmento enquadra-se nas produções dos séculos V-VI<sup>10</sup> (ver fig. 20);
- fragmento de prato (sep. nº.153), com bordo boleado introverso. Esta forma cerâmica tem uma longa permanência, desde o século II ao IV<sup>11</sup> (ver fig. 21);
- fragmento de tacho, de bordo boleado (sep. nº. 111). Esta forma tem horizontes cronológicos entre os séculos II- IV<sup>12</sup> (ver fig. 22).

A par destes materiais foram exumados quatro fragmentos de fundo de ânforas (seps. nºs 50, 86, 111 e 147) e um pequeno pedaço de *Terra Sigillata* (sep. nº 175), sem decoração e cujo engobe se encontra mal conservado, não permitindo, pois, uma identificação tipológica e cronológica. No que respeita aos fundos de ânfora as suas formas são de três tipos: Dressel 2/4<sup>13</sup>, Almagro 55<sup>14</sup> e Almagro 51C<sup>15</sup>, que remetem para limites cronológicos entre os séculos II a.C. e V d.C (ver figs. 24 a 26).

## C – Mármore

Do interior das sepulturas nos. 13, 105 e 134 foram retirados alguns pequenos fragmentos de mármore branco, de grão médio e espessura reduzida (não chegam a atingir, por vezes, um centímetro). Estes fragmentos não evidenciam sinais aparentes de terem sido trabalhados, não sendo de excluir a hipótese, no entanto, de pertencerem ao revestimento interior das sepulturas.

## D – Materiais de construção cerâmicos

Na composição das paredes de algumas das caixas sepulcrais (ver grupo C e quadro 1) recorreu-se à utilização de materiais cerâmicos, desde os tijolos com a forma tradicional paralelepípedica a quadrantes de colunas, certamente reaproveitados de algumas construções da *villa* situada nas imediações. Numa das sepulturas



(n.º 150), como ficou já referido, a cobertura era feita com *tegulae* e, numa outra (n.º 181), o revestimento do fundo da caixa sepulcral era composto por ladrilhos retangulares<sup>16</sup>, com dois sulcos que se cruzam no centro dos mesmos.

Registe-se, ainda, o achado de um fragmento de *opus signinum* no interior de uma das sepulturas (n.º 133), material que não é comum encontrar-se em necrópoles, por certo arrastado pelas águas numa das cíclicas cheias do rio.

## 2.5. Quadro-resumo

O conjunto de dados anteriormente expostos podem ser sintetizados num quadro que permite uma leitura arqueológica global da necrópole. No tocante à orientação dos enterramentos, a sua definição partiu da informação proporcionada pelo espólio ósseo existente e da forma trapezoidal de algumas das sepulturas. Por outro lado, a distinção entre sepulturas de criança e de adulto (nos casos em que não existia espólio ósseo) baseou-se exclusivamente nas dimensões da caixa sepulcral.

Apesar da sua monumentalidade e características singulares a necrópole da Achada de S. Sebastião, pelos condicionalismos referidos, não revelou um espólio arqueológico significativo. Dos vestígios osteológicos e poucos materiais recolhidos, cerâmicas e outros, não puderam ser retiradas mais do que informações isoladas de uma realidade que ficará, em extensão, por conhecer. Algumas conclusões, porém, se impõem.

A localização e área que ocupa, a diversidade das estruturas sepulcrais e práticas de enterramento que se observam, bem como os materiais provenientes da escavação e de recolha de superfície sugerem uma longa ocupação do local como campo mortuário. No entanto, tudo indica que o período central de utilização tenha ocorrido entre os séculos I a III d.C., com principal incidência na terceira centúria. Por outro lado, se com probabilidade continuou pontualmente a receber enterramentos no decurso do século IV, a Achada de S. Sebastião deixara, já então, de funcionar como a grande necrópole urbana de Mértola. Acompanhando uma nova lógica de ocupação e definição do território urbano, que se traduziram, no caso vertente, pela perda de funcionalidade da grande muralha que envolvia a urbe pelas cumeadas dos arredores e pelo apertar do casco citadino entre novos amuralhamentos, elege-se um novo espaço para as funções necrotérias. Numa encosta alcantilada cortada pela estrada principal que de *Mirtilis* arrancava para *Pax Julia*, organiza-se o novo campo mortuário da cidade, uma vez mais aproveitando os afloramentos xistosos e suas saliências. Durante os séculos III e IV, a necrópole estender-se-á pela vertente virada a nascente, prolongando-se, entre os séculos V e VIII a uma plataforma adjacente, postada a sul, onde então será construída uma basílica funerária paleocristã (ver fig. 1).

## 3. A ERMIDA DE S. SEBASTIÃO

O. Na plataforma onde se implanta a necrópole foi erguida, em época tardo-medieval, uma pequena ermida dedicada a S. Sebastião, que passaria a pontuar a paisagem



Fig. 21 – Fragmento de prato (Sep. n.º 153)

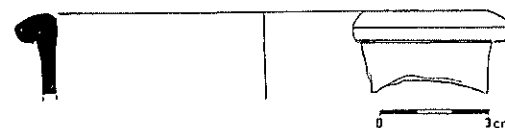


Fig. 22 – Fragmento de tacho (Sep. n.º 158)

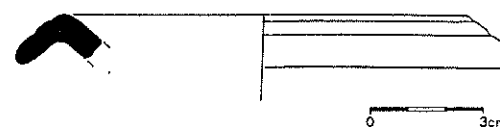


Fig. 23 – Fragmento de bordo de pote recolhido à superfície

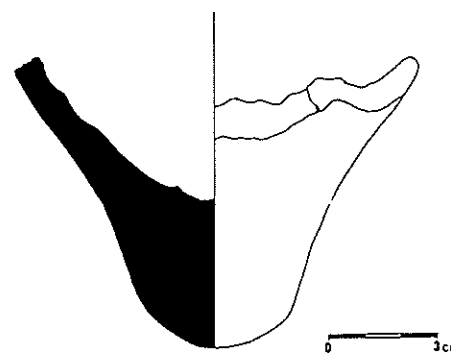


Fig. 24 – Fragmento fundo de ânfora (Sep. n.º 50)

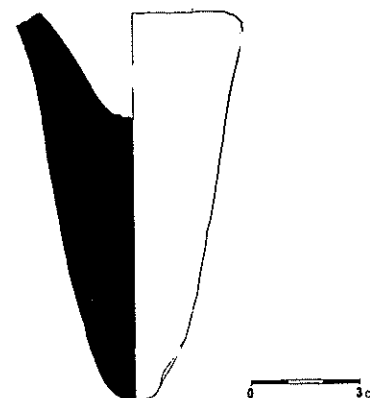


Fig. 25 – Fragmento fundo de ânfora (Sep. n.º 86)

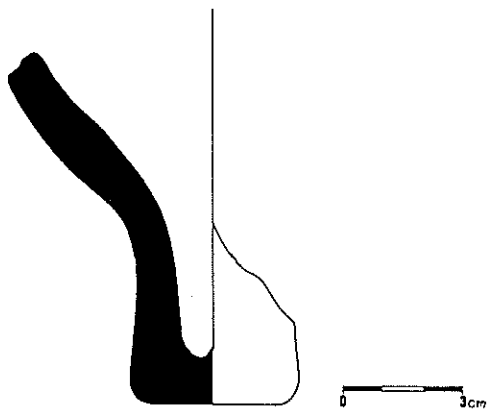


Fig. 26 - Fragmento fundo de ânfora. (Sep. nº 111)

do local e lhe emprestaria o referente toponímico que conservou até hoje. A devoção a este santo mártir conheceu particular receptividade em Portugal nos séculos XV e XVI, alimentada, em grande medida, por reacções psicoemocionais face aos flagelos epidémicos que, no decurso dos mesmos, irromperam. Refira-se, neste contexto, a igualmente importante expansão cultural de um outro santo, S. Roque, que compõe com S. Sebastião o duo protector por excelência dos empestados: aquele, por ter sido miraculosamente salvo do mal que padecia nos alvares de Quatrocentos e, este, numa alusão mais longínqua, por ter sobrevivido ao martírio perpetrado pelos flecheiros de Diocleciano (entendido como castigo divino, a peste era a flecha de Deus, sendo, pois, S. Sebastião, o intercessor privilegiado junto dos mortais padecentes). O culto a estes dois santos materializou-se nos suportes tradicionais (estampas preservativas, imagens de vulto, pinturas a fresco e sobre tela ou madeira) e, no caso de S. Sebastião, num número apreciável de pequenas ermidas (algumas posteriormente transformadas em igrejas paroquiais). Em regra foram levantadas fora dos recintos amuralhados em sítios de antiga referência no imaginário local e que a memória colectiva mantinha vivos (muito em particular vilas/necrópoles romanas) e junto aos caminhos que acediam às

urbes, marcando a sua paisagem e limites exteriores e defendendo-as, simbolicamente, da peste e de outros males.

1. As circunstâncias que directamente envolveram a construção da ermida de S. Sebastião de Mértola não podem ser precisadas, pouco transparecendo da documentação histórica que a ela se refere. A tradição, de que faz eco, em 1515, um visitador santiaguista, aponta como seu instituidor um tal Esteves Annes, «morador que então era nesta vila»<sup>17</sup>, termos demasiado imprecisos que remetem, contudo, para um passado relativamente próximo. O personagem, possivelmente o mesmo que surge referenciado em outros documentos da mesma época, pertenceria, com probabilidade, ao mesmo ramo familiar de algumas figuras que se movimentavam com relativo prestígio na vida local, entre elas Pedro Annes, alcaide das sacas de Mértola nos anos oitenta do século XV. Este conjunto de indicadores, se bem que longe de serem satisfatórios, permitem sustentar a hipótese de a ermida ter sido fundada no percurso das derradeiras décadas de Quatrocentos.

Pela pena de um outro visitador, a ermida é referida como tendo sido, em tempos, «casa de hum lavrador e não se consertou mais de como estava»<sup>18</sup>, palavras não isentas de exagero que a documentação desmente, mas das quais se retira a informação de que não terá sido construída de raiz. Contudo, se não existiu, a dar crédito a esta notícia, um plano construtivo previamente concebido, a sua fundação ultrapassa a lógica do simples aproveitamento de um edifício pré-existente. A carga simbólica que o local encerrava, a proximidade ao eixo viário que conduzia à fortificada vila de Mértola e a atmosfera que rodeava o culto a S. Sebastião, são as coordenadas que deixam entender as motivações profundas que conduziram à escolha do local.

2. Embora de instituição particular, com mordomo e escrivão privativos, era ao concelho, na figura dos seus juizes e vereadores, que cumpria zelar pela ermida e trazê-la decente ao culto. Nesse sentido, sempre que obras de conservação e restauro se revelassem indispensáveis, estavam autorizados, para as custear, a lançar impostos extraordinários sobre os moradores do termo (fintas). Este mecanismo, para lá dos seus efeitos sociais, provocava demoras na execução de todo e qualquer tipo de obras. A título de exemplo, entre 1515 e 1565 por diversas vezes ficaram por cumprir as determinações relativas às «correções» a realizar, por insignificantes que o fossem (nomeadamente conserto de telhados e portas). O pretexto usualmente invocado pelos vereadores era a dificuldade que enfrentavam em fazer taxar os diferentes moradores, dada a sua pobreza e a repetida «esterilidade dos anos». Igualmente reveladora, ainda que num outro contexto, é a informação veiculada pelo mordomo da ermida, em 1565, de que se mandavam «dizer myssas ate omde abranjem as esmollas»<sup>19</sup>. Este quadro de situações acompanhou, com maior ou menor profundidade, todo o trajecto histórico da pequena ermida, jogando decisivamente na modelação das suas características estruturais e na qualidade do seu apetrechamento litúrgico.

Arruinada e abandonada em consequência da gigantesca cheia do Guadiana verificada em 1876, não restam hoje da pequena ermida de S. Sebastião mais do que

parcos vestígios das suas paredes e fundações. No entanto, a leitura do seu traçado e organização espacial, assim como dos materiais construtivos empregues é possibilitada, para lá do que as ruínas deixam perceber, pelo conjunto de referências e descrições que dela fazem, no século XVI, os visitantes da Ordem de Santiago. A intervenção arqueológica a realizar no local, no decurso do ano de 1993, permitirá aferir algumas das informações documentais, avaliar as estruturas remanescentes e equacionar as transformações estruturais e volumétricas que possam ter sido introduzidas a partir de finais do século XVI, reunindo-se, assim, os dados indispensáveis à projectada reconstrução do imóvel.

3. A ermida, segundo o apontamento de um dos visitantes, tinha «de cumprido quatro varas e tres de larguo»<sup>20</sup> (respectivamente, 4,40m e 3,30m), medidas que desenhavam um edifício de reduzidas proporções. As paredes eram de «taypa E os aligerçes de pedra e baro»<sup>21</sup>, encontrando-se «apyncaladas de dentro e de fora»<sup>22</sup>. Um telhado, de duas águas, cobria a oussia e a pequena nave, suportando-o um madeiramento em castanho, por sua vez forrado «de canas per cyma das asnas»<sup>23</sup>. Um arco triunfal «d'alvenaria» demarcava o espaço reservado à primeira, estabelecendo-se a exigida separação com o restante corpo da ermida através de «umas grades de pao fechadas com ferrolhos e fechaduras»<sup>24</sup>. Uma porta, rasgada na parede sul, junto ao arco triunfal, facultava a comunicação com uma outra dependência que se desenvolvia no prolongamento da oussia mas de maiores dimensões que esta. Definida como sendo uma «casa a modo d'alpendre»<sup>25</sup>, não apresentaria, contudo, amplos vãos e colunata. Denuncia-o, para lá da ainda evidente elevação das suas paredes que, quanto muito, deixariam lugar à abertura de pequenos vãos balizados por colunas de pequeno porte, o facto de no seu alçado sul e no enfiamento da porta se abrir um «portal d'alvenaria acafelado e apyncalado com portas de castanho (...) em que tem um ferrolho e fechadura estanhado grande»<sup>26</sup>. Por este se estabeleceria o acesso principal ao interior da ermida, se bem que não seja de excluir a existência de uma outra porta na fachada virada a nascente (existência lógica se se admitir, como parece ser o caso, ser a dependência alpendrada posterior à fundação da ermida). Numa campanha de obras lançada em meados do século XVI, além do restauro geral do edifício e correcção do telhado do «alpendre» (ameaçava ruína), foi levantado, sobre «a porta» (não se diz qual), um pequeno «campanayro E Sua campa»<sup>27</sup>.

4. O retrato que a documentação quinhentista proporciona do conjunto edificado aproxima-se, nos seus traços gerais, ao que é possível observar das estruturas que sobreviveram. Não obstante, entre meados do século XVI e a fatídica cheia do Guadiana que a arruinou, terão sido efectuadas mais do que as cíclicas intervenções de conservação e restauro. Indicia-o, em primeiro lugar, a nítida substituição da taipa (material construtivo referenciado pelos diferentes visitantes) por grossa alvenaria na construção das paredes da ermida e seu anexo (em algumas partes atingem, ainda, cerca de 1,80m de altura) e, em segundo, a presença de avantajados contrafortes cilíndricos nos ângulos da oussia, solução arquitectónica por certo repetida na fachada do

edifício mas que, por se encontrar quase por completo arrasada, não permite, por ora, afirmá-lo. A requerer confirmação arqueológica, encontra-se, igualmente, a muito provável abobadagem da ermida ou, simplesmente, da oussia, como deixa supor o referido esquema de contrafortagem. Em qualquer dos casos, o lançamento deste conjunto de obras só faria sentido em circunstâncias extremas, isto é, perante os efeitos violentos de uma das cheias do Guadiana, de que não ficou memória. A substituição da taipa por alvenaria, a espessura que as paredes apresentam (em média 75cm) e a presença de grossos contrafortes resultam, parece claro, da intenção de tornar o edifício resistente às incontornáveis águas do rio

Embora faltem dados que taxativamente o demonstrem, o programa de reconstrução da ermida, pelas suas características, não ultrapassará as primeiras décadas do século XVII, tendo respeitado e naturalmente reaproveitado a edificação anterior.

5. O apetrechamento litúrgico da ermida de S. Sebastião, ao nível do mobiliário, paramentaria e alfaias, por regra promovido a partir do lançamento de fintas sobre os moradores da vila e seu termo e esmolas de devotos, nunca terá chegado a atingir sinais particulares de riqueza. As informações que são possíveis rastrear para o século XVI confirmam-no plenamente. Em 1515, o altar encontrava-se «sem tualhas nem outra nehuua cousa», resumindo-se os adornos guardados a «huns mantees Usados de linho E outros d'estopa e duas toalhas com cardeo cosidas novas e tres pannos de cortina mujto veelhos»<sup>28</sup>. Vinte anos volvidos, a novidade residia no facto do altar apresentar «dous Retavollos pequenos de portas quebradiças», encontrando-se num deles «pyntada a imagem de nosa Senhora e no outro a imagem de San Sabastião»<sup>29</sup>. Em 1565, data a partir da qual cessam as notícias dos visitantes santiaguistas, refere-se ape-

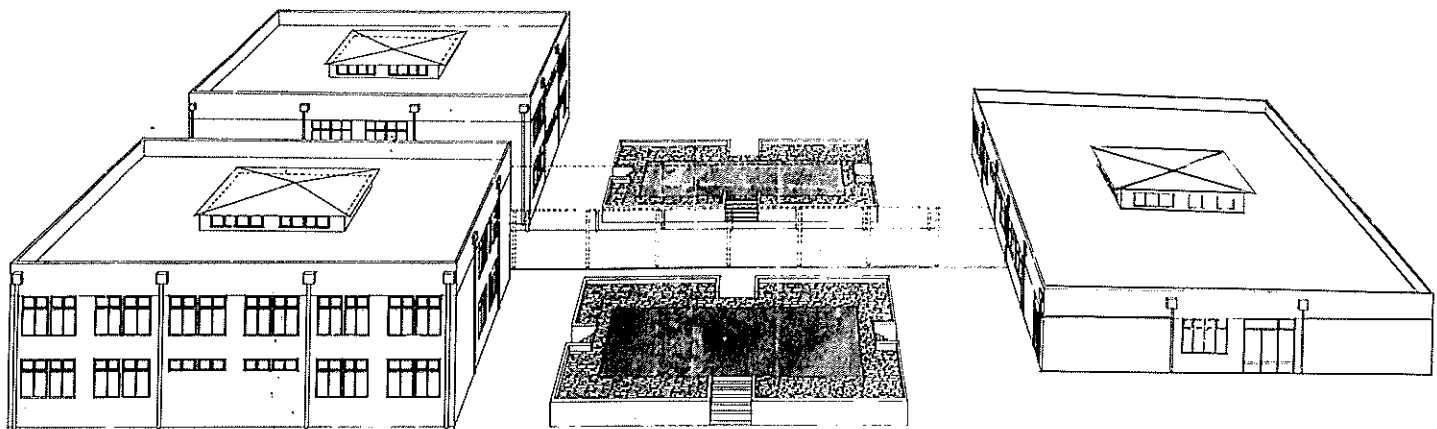


Fig. 27 – Proposta de integração das ruínas da ermida e das sepulturas no projecto da Escola C + S de Mértola (Câmara Municipal de Mértola – Gabinete Técnico)

nas um dos retábulos, o de S. Sebastião, anotando-se como ofertas recentes de devotos, dois frontais, «hum de Rede e outro de tafetaa amarello» e, ainda, «hum sobreço de canhamação pintado e dous de pano bramco»<sup>30</sup>. A anteriormente aludida reconstrução da ermida obrigou, inevitavelmente, à recomposição e reapetrechamento do seu interior, de todo impossíveis de qualificar. No entanto, na escala devida, ter-se-ão feito sentir as influências das sucessivas correntes estilísticas, não sendo de excluir uma possível roupagem barroquizante na organização do altar e pinturas murais, assim como uma acrescida dotação ornamental e litúrgica. Como únicas referências que restam, os ténues vestígios cromáticos que vestem as arruinadas paredes da ousia e a imagem de vulto de S. Sebastião, datável da primeira metade do século XVII, salva da cheia e posteriormente conduzida para a igreja matriz da vila (presentemente depositada na igreja da misericórdia — futuro núcleo de arte sacra do museu de Mértola).

#### 4. A MUSEALIZAÇÃO DA ACHADA DE S. SEBASTIÃO: PRIMEIRAS QUESTÕES.

A projectada reconstrução da ermida de S. Sebastião, a recuperação das sepulturas da necrópole romana (ver figs. 2 e 27) e a posterior musealização suscitam algumas questões prévias, de âmbito patrimonial e museológico.

No que respeita à reconstrução da ermida, o programa arquitectónico a desenvolver será definido numa última fase, a partir do cruzamento dos dados históricos-documentais com os de natureza arqueológica (a explorar devidamente após a conclusão dos trabalhos de intervenção) e da análise comparativa com edifícios da mesma família estilística. A conjugação destes vectores de investigação permite, à partida, perspectivar a hipótese de reconstruir o imóvel, nas suas principais linhas estruturantes, com relativa fidelidade. No entanto, uma condicionante de fundo se perfila. Toda e qualquer solução a aplicar passa pela indispensável integração da ermida, arquitectónica e paisagisticamente, no espaço-escola. Por outro lado, pormenor que não é de somenos importância, dado que a ermida surgirá como elemento aparentemente disfuncional no conjunto edificado, é necessário encontrar as formas mais adequadas de sensibilizar a população escolar para a sua preservação e fruição e, ainda, de aceitação face ao movimento de pessoas que lhe são estranhas uma vez concretizada a musealização. Neste sentido, todo o processo deverá envolver a escola e os seus agentes, motivando a sua participação. Assim entendido, o projecto adquire uma dimensão pedagógica, *escola-viva* de aprendizagem em torno da arqueologia e seus métodos, das técnicas construtivas tradicionais (a taipa, a cobertura em abóboda de

tijolo, etc.) e princípios da museologia. No tocante aos vestígios da necrópole a situação, embora menos complexa, exige uma intervenção do mesmo tipo. De resto, os trabalhos arqueológicos já desenvolvidos tiveram a participação de parte dos alunos e professores da escola, tendo gerado um campo de experiências com resultados plenamente satisfatórios.

Entendido como *museu de sítio*, o futuro núcleo da Achada de S. Sebastião respeitará, sobretudo, os dois pólos dinâmicos da história do local: a necrópole e a ermida. Naquela, as sepulturas preservadas e historicamente valorizadas após a sua escavação (nomeadamente através de painéis informativos) funcionarão, elas próprias, como *objectos* museológicos. Nesta, a sua utilização como espaço museológico não se pretende que seja, tão só, o retrato histórico do edifício e da sua recuperação. Se temáticas a explorar (na recomposição do interior da ermida está programado, por exemplo, a reconstituição do seu altar, devolvendo-se-lhe a velha imagem de S. Sebastião, depositada no núcleo de arte sacra da vila), outras se lhe associarão, como sejam a integração da ermida no contexto histórico e sacro-devotivo da vila de Mértola, nas épocas medieval e moderna, e o rio Guadiana, que marcou decisivamente a ocupação histórica do local.

Apesar de fisicamente separadas por escassos metros, a necrópole e ermida não dispensarão o estudo das formas que melhor se aplicarão à sua interligação museológica. Neste contexto, a programação de um circuito de visita parece indispensável, circuito que deve ir de encontro a toda a zona envolvente, explorando vestígios como a velha estrada romana que atravessa o local e o monumental conjunto de azenhas que corta o rio Guadiana.

## NOTAS

1. A visita de Estacio da Veiga estendeu-se a diversos locais do concelho de Mértola. Identificou estruturas, recolheu materiais arqueológicos de diversos períodos, procedeu a escavações e descreveu sítios e materiais. O conjunto dos seus trabalhos e reflexões foi publicado na obra que intitulou *Memórias das Antiguidades de Mértola*, dada à estampa no ano de 1880.
2. Estacio da Veiga, *Memórias das Antiguidades de Mértola*, Edição fac-similada, Maia, 1983, p. 81.
3. Na escavação arqueológica participaram, para além da equipa do G.A.M., dois trabalhadores da Câmara Municipal de Mértola, alunos e professores da Escola Secundária e do Ciclo Preparatório. Agradecimentos que se estendem, pela sua preciosa colaboração, ao Dr. José Carlos Oliveira e ao desenhador Leonel Borrela, ambos do Museu regional de Beja.
4. Estacio da Veiga, *ob. cit.*, p. 83 (est. 5).
5. Jorge Alarcão *et alii*, *Fouilles de Conimbriga – VII, Trouvailles Diverses et Conclusions Générales*, Paris, 1979 p. 38 (paralelos com o nº 89).
6. Jorge Alarcão *et alii*, *Fouilles de Conimbriga – VI, La Céramique Commune Locale et Régionale*, Paris, 1975 p. 89 (paralelos com o nº 566).
7. Jorge Alarcão *et alii*, *Fouilles de Conimbriga – VI, La Céramique Commune Locale et Régionale*, Paris, 1975 p. 79 (paralelos com o nº. 446).
8. Jorge Alarcão *et alii*, *Fouilles de Conimbriga – VI, La Céramique Commune Locale et Régionale*, Paris, 1975 p. 73 (paralelos com o nº. 350).
9. Jorge Alarcão *et alii*, *Fouilles de Conimbriga – V, La Céramique Commune Locale et Régionale*. Paris, 1975 p. 125, (paralelos com o nº. 1060A, de cronologia incerta). No entanto, Jeannette U. S. Nolen, data o fabrico deste tipo de cerâmica do período tardo ou pós-romano (“Materiais da Villa do Alto da Caldeira», *Conimbriga*, XXVII, Coimbra, 1988, p. 105).
10. Jorge Alarcão *et alii*, *Fouilles de Conimbriga – V, La Céramique Commune Locale et Régionale*. Paris, 1975, p. 98 (paralelos com o nº. 656 B).
11. Jeannette U. S. Nolen, *Cerâmica Comum de Necrópoles do Alto Alentejo*, Lisboa, 1985, p. 85.
12. Jeannette U. S. Nolen, «Materiais da Villa do Alto da Caldeira», *Conimbriga* XXVII, Coimbra, 1988, p. 103 (paralelos com o nº 18).
13. Antónia Coelho-Soares e Carlos Tavares da Silva, «Ânforas Romanas da Área Urbana de Setúbal», *Setúbal Arqueológica*, Vol. II - III, 1976 - 77, p. 175.
14. Miguel Beltán, *Guia de la Cerámica Romana*, Zaragoza, 1990, pag. 223.
15. Antónia Coelho-Soares e Carlos Tavares da Silva, *ob. cit.*, p. 181.
16. Com 38,5 cm de comprimento, 27,5 cm de largura e 4 cm de espessura.
17. A. N. T. T., *Conventos Diversos, Ordem de Santiago, Visitação da Comenda de Mértola*, 1515, B- 50-160, fl.15
18. A. N. T. T., *Conventos Diversos, Ordem de Santiago, Visitações de várias Igrejas*, 1554, B - 50 - 197, fl. 9.
19. A. N. T. T., *Conventos Diversos, Ordem de Santiago, Visitações de várias Igrejas*, 1565, B- 51-230, fl. 9
20. *Idem*, fl. 8 v.
21. *Idem*, fl. 9.
22. A. N. T. T., *Conventos Diversos, Ordem de Santiago, Visitação da Comenda de Mértola*, 1535, B 51- 263, fl.11
23. *Idem*, *ib.*
24. *Idem*, *ib.*
25. *Idem*, *ib.*
26. *Idem*, *ib.*
27. A. N. T. T., *Conventos Diversos, Ordem de Santiago, Visitações de várias Igrejas*, 1565, B- 51-230, fl. 9
28. A. N. T. T., *Conventos Diversos, Ordem de Santiago, Visitação da Comenda de Mértola*, 1515, B - 50 -160, fl.15
29. A. N. T. T., *Conventos Diversos, Ordem de Santiago, Visitação da Comenda de Mértola*, 1535, B 51- 263, fl.11
30. A. N. T. T., *Conventos Diversos, Ordem de Santiago, Visitações de várias Igrejas*, 1565, B- 51-230, fl. 9